

Territorialidade e representação neopentecostais: quando política e religião se entrecruzam*

Isley Borges da Silva Júnior**

Alessandro Gomes Enoque***

Luiz Alex Silva Saraiva****

Resumo

Este trabalho teve por objetivo compreender as relações existentes entre as temáticas da territorialidade e da representação de natureza política na perspectiva de membros de uma igreja neopentecostal de uma cidade do interior de Minas Gerais. Partindo de uma abordagem qualitativa, pôde-se observar que a igreja neopentecostal pesquisada apresenta uma territorialidade de natureza fluida, pulverizada, bem como menos centralizada (convite para a participação de novos membros em ocasiões menos formais, participação dos líderes religiosos em outras instituições, abertura de “filiais” da igreja em outras cidades, influência religiosa a partir da atuação de/em pequenos grupos).

* Agradecemos, imensamente, o trabalho realizado pelos avaliadores deste artigo, por melhorarem substancialmente o texto apresentado inicialmente pelos autores. Aproveitamos o ensejo para agradecer também o trabalho cuidadoso e profissional da editoria deste estimado periódico.

Agradecemos, enormemente, à Fundação de Amparo à Pesquisa do Estado de Minas Gerais (FAPEMIG) e ao Conselho Nacional de Desenvolvimento Científico e Tecnológico (CNPq) pelo apoio técnico e financeiro.

** Graduado em Comunicação Social com ênfase em Jornalismo pela Universidade Federal de Uberlândia (UFU). Doutor em Estudos Literários pela Universidade Federal de Uberlândia (UFU). Vínculo: Universidade Federal de Uberlândia (UFU). E-mail: isleyborges@hotmail.com. Lattes: <http://lattes.cnpq.br/1656645989028920>.

*** Graduado em Administração de Empresas pela UNA/FCG. Doutor em Ciências Humanas (Sociologia e Ciência Política) pela Universidade Federal de Minas Gerais (UFMG). Vínculo: Universidade Federal de Uberlândia (UFU). E-mail: alessandroenoque@ufu.br. Lattes:

**** Graduado em Administração de Empresas pela Universidade Federal de Sergipe (UFS). Doutor em Administração pela Universidade Federal de Minas Gerais (UFMG). Vínculo: Universidade Federal de Minas Gerais (UFMG). E-mail: saraiva@face.ufmg.br. Lattes: <http://lattes.cnpq.br/8812184151373749>.

Parece haver, ainda, certo distanciamento da política tradicional e uma valorização de candidatos com valores cristãos.

Palavras-chave: Territorialidade; Neopentecostal; Política.

Territoriality and neopentecostal representation: when politics and religion are enlarged

Abstract

The objective of this article was to understand the relationship between the themes of territoriality and political representation from the perspective of members of a neopentecostal church in a city in the interior of Minas Gerais. Based on a qualitative approach, it could be observed that the neopentecostal church surveyed has a fluid, pulverized as well as less centralized territoriality (invitation for new members to participate in less formal occasions, participation of religious leaders in other institutions, openness of “branches” of the church in other cities, religious influence from the performance of / in small groups). There seems to be a certain distance from traditional politics and a valuation of candidates with christian values.

Keywords: Territoriality; Neopentecostal; Politics.

Territorialidad y representación neopentecostal: cuando la política y la religión se entrelazan

Resumén

Este trabajo tuvo como objetivo comprender las relaciones existentes entre los temas de territorialidad y representación de naturaleza política desde la perspectiva de los miembros de una iglesia neo-pentecostal en una ciudad en el interior de Minas Gerais. Partiendo de un enfoque cualitativo, se observó que la iglesia neopentecostal investigada presenta una territorialidad de naturaleza fluida y pulverizada, así como menos centralizada (invitación para la participación de nuevos miembros en ocasiones menos formales, participación de líderes religiosos en otras instituciones, apertura de “ramas” de la iglesia en otras ciudades, influencia religiosa del desempeño de / en pequeños grupos). También parece haber una cierta distancia de la política tradicional y una apreciación de los candidatos con valores cristianos.

Palabras clave: Territorialidad; Neopentecostal; Política.

1. Introdução

Assim como quase todas as disciplinas das Ciências Humanas e Sociais, a Geografia também volta seus olhares para o universo religioso. Grosso modo, foram os geógrafos culturais os primeiros a motivarem a aproximação entre a ciência geográfica e o campo religioso. Além disto, atualmente, são eles os principais responsáveis por análises de fenômenos religiosos sob a ótica da Geografia que trazem à tona a relação dos mesmos com a economia,

com a política, com o seu lugar e com a cultura que (con)vive neste e ao redor deste lugar. Neste sentido, uma análise espacial do neopentecostalismo conseguiu lançar luzes sobre a maneira como uma corrente religiosa nova – surgida em meados da década de 1970 – expressa-se no mundo perceptual e representacional e, mais que isso, de que forma ela faz uso de estruturas materiais e simbólicas que constituem verdadeiras camadas representacionais da cultura em variados tempos históricos e formas religiosas.

Mas, por que colocar à baila o neopentecostalismo? De acordo com os números sobre as religiões no Brasil do último Censo, publicado em 2010, o número de evangélicos cresceu seis pontos percentuais entre os anos de 2000 e 2010 (respectivamente, 16% e 22%). Grandes sociólogos da religião como Pierucci (2006, 2013), Pierucci e Prandi (1996), Prandi (2008), Mariano (1999), Sanchis (2001), dentre outros, afirmam que são os neopentecostais os responsáveis por essa mudança significativa da dinâmica do campo religioso do país. Caso parássemos para analisar a dinâmica do campo religioso brasileiro à luz destes dados, questionaríamos se o nosso país, culturalmente católico, em algum tempo não se tornaria culturalmente evangélico.

É importante dizer, ainda, que estudos na perspectiva da Geografia Cultural em interseccionalidade com a religião como os de Anjos (2009), Moraes (2010), Gois (2013) e Portuguesez (2015) contribuíram significativamente para a pesquisa sobre o campo religioso brasileiro, mas suas análises trazem respostas para as religiões de matriz africana (candomblé e umbanda) e, não, para religiões evangélicas. Outras, como as de Damaceno (2009), que se volta para as confissões religiosas neopentecostais no Paraná, e Camelo (2013), que pesquisa as territorialidades protestantes, não dão conta de tratar do neopentecostalismo em suas diversas dimensões.

É objetivo deste artigo, no entanto, a compreensão de uma faceta bem específica desta realidade, qual seja, a das relações existentes entre territorialidade e sua representação de natureza política sob o olhar da geografia cultural na perspectiva de membros de uma igreja neopentecostal de uma cidade do interior de Minas Gerais.

2. O neopentecostalismo e a sua dimensão política

Segundo Sack (1986, p. 78), territorialidade consiste na “(...) tentativa, por indivíduo ou grupo, de afetar, influenciar, ou controlar pessoas, fenômenos e relações, ao delimitar e assegurar seu controle sobre certa área geográfica”. O neopentecostalismo, no afã de angariar cada vez mais fiéis,

de acordo com estudo de Oliveira (2012), organiza-se espalhando templos pelo território. Pontos de pregação que viram salões. Salões que se tornam templos filiais. Templos filiais que estão em conexão com os salões sede. Caracterizada como uma territorialidade informal e fugaz pelo autor, as instituições religiosas neopentecostais estão alocadas em antigos espaços comerciais, construídos sem a finalidade de serem espaços sagrados, em áreas comerciais da cidade.

A categoria analítica da geografia território – ou um de seus desenvolvimentos, a territorialidade – não tem sido levado em conta em trabalhos religio-geográficos contemporâneos. Raros são os pesquisadores que se dedicam a entender a maneira como as instituições religiosas fazem uso do espaço como forma de exercício do poder, intentando a influenciar indivíduos. Em primeiro lugar, é preciso não reduzir o que se entende por território e não o considerar meramente funcional e dotado de poder político. Como afirma Haesbaert (2008, p. 1), “(...) território, assim, em qualquer acepção, tem a ver com poder, mas não apenas ao tradicional ‘poder político’. Ele diz respeito tanto ao poder no sentido mais concreto, de dominação, quanto ao poder no sentido mais simbólico, de apropriação”.

Haesbaert (2008, p. 3) chama a atenção para o fato de que as territorializações podem ser muitas e exercidas por indivíduos, grupos e instituições sociais, a partir da dominação e apropriação do espaço:

Enquanto “continuum” dentro de um processo de dominação e/ou apropriação, o território e a territorialização devem ser trabalhados na multiplicidade de suas manifestações – que é também e, sobretudo, multiplicidade de poderes, neles incorporados através dos múltiplos agentes/sujeitos envolvidos. Assim, devemos primeiramente distinguir os territórios de acordo com os sujeitos que os constroem, sejam eles indivíduos, grupos sociais, o Estado, empresas, instituições como a Igreja etc. As razões do controle social pelo espaço variam conforme a sociedade ou cultura, o grupo e, muitas vezes, com o próprio indivíduo.

A partir da perspectiva do autor, que leva em conta a influência e o poder de inúmeros agentes para falar das territorialidades, acreditamos que uma análise da territorialidade neopentecostal pode ser feita a partir de, pelo menos, dois aspectos, quais sejam: a influência exercida pela instituição religiosa no espaço físico que ocupa e naquele que não ocupa (já que o espaço sagrado e o espaço profano são fluidos e a igreja pode exercer poder

e influência em espaços diferentes daquele do seu templo); e a autoridade e capacidade de persuasão de líderes religiosos e fiéis, que levam o discurso teológico da corrente religiosa adiante, para os outros grupos que frequentam (colegas da faculdade, do trabalho, membros da família, etc.) e para distintas práticas sociais. Assim como pensamos a produção do espaço sagrado em permanente fluidez com o espaço profano, é preciso que entendamos as territorialidades contemporâneas também como fluidas e dinâmicas.

Silva e Oliveira (2013) fazem uma análise geográfica da ebulição inovadora da religiosidade contemporânea, a partir da perspectiva de territorialidades religiosas. O estudo é focado na metrópole de Fortaleza e trata das estratégias e dinâmicas do Santuário de Nossa Senhora da Assunção, em constante mudança e adequação às práticas sócio-espaciais mais recentes. Os autores mostram que tais mudanças e adequações têm provocado inúmeras reações na formação do campo religioso atual de Fortaleza, expressando um adensamento de espaços simbólicos - cada vez mais percebidos pelo grande número de templos religiosos na metrópole e o crescente número de festas religiosas em seu espaço público, uma forma de exercício e expansão do poder católico.

O trabalho de Ferreira (2014) é conceitual e aborda alguns aspectos da discussão que envolve o conceito de território e territorialidade. Trata-se de uma interpretação envolvendo as diferentes abordagens e concepções geográficas em torno do território, conformando aquilo que alguns autores denominam múltiplos territórios e/ou multiterritorialidades. A análise do autor parte de estudos já desenvolvidos por diversos estudiosos que se propuseram a discutir a temática. Ele parte do pressuposto de que os estudos territoriais se mostram cada vez mais emergentes frente aos processos de modificações do espaço geográfico mundial, que ajuízam diferenciações não apenas de caráter político-econômico, mas, igualmente, de expressão simbólico-cultural, manifestadas no cotidiano vivido.

Os estudos em torno das territorialidades evidenciam, cada vez mais, a importância de se valorizar o simbolismo e a cultura nas discussões em torno das categorias analíticas da ciência geográfica. O mundo contemporâneo, que convive com significativas fragmentações e estilhaços em todas as esferas da vida, pede uma concepção menos enrijecida dos conceitos na órbita da discussão sobre territórios.

Intentamos perquirir as áreas de influência da instituição religiosa de nosso corpus para, então, analisar as suas abrangências e influências sobre

o território. A territorialidade neopentecostal seria fluida e fragmentada como o contexto macrossociológico pós-moderno que a abriga? Devido à multiplicidade de templos neopentecostais, qual seria a abrangência da influência de cada templo no espaço? Os indivíduos que frequentam a religião atuam no sentido de convencer outras pessoas a conhecerem-na? Em quais outros espaços, não sagrados, atuam lideranças e fiéis no sentido de disseminar o discurso teológico da igreja?

Apesar de não ser proposta de Rosendahl (1996, 2002, 2003, 2005), há que se atentar para a relação entre instituições religiosas e a representação política brasileira, uma vez que muitos são os líderes religiosos que ocupam, atualmente, os cargos de vereadores, prefeitos, deputados, senadores, como fez Baptista (2009). Organizam-se em bancadas e legislam em defesa de seus discursos teológicos, muitas vezes. O que o corpo sacerdotal e leigos acham disso? Possuem consciência da laicidade do Estado e reprovam o exercício da legislação a favor dos valores cristãos ou defendem tal exercício por se sentirem seguros e representados? O que pensam sobre a Frente Parlamentar Evangélica – grupo organizado no Congresso Nacional objetivando a defesa de valores cristãos?

3. Metodologia

Uma pesquisa que se diga compreensiva precisa de métodos que objetivem a compreensão de um dado fenômeno. O como fazer deve ser coerente com o objeto, com o arcabouço teórico e com os objetivos de uma investigação, evidenciando um conjunto instrumental que dê condições ao sujeito pesquisador de traçar um caminho coerente para a assimilação de informações. O teor compreensivo de nossa investigação, fundado a partir do episteme fenomenológico/interpretativo, portanto, sugere a utilização de métodos qualitativos de coleta e análise de dados (ver LÜDKE; ANDRÉ, 1986).

Para fins deste trabalho, foram realizadas quinze entrevistas com membros de uma igreja neopentecostal de uma cidade do interior de Minas Gerais (cinco pastores e dez fiéis). Priorizou-se, ainda, na escolha dos sujeitos de pesquisa, uma gama variada de perfis (homens, mulheres, de diferentes idades e áreas profissionais) e a presença e vivência no cotidiano da instituição religiosa. Como forma de garantir o sigilo das informações reveladas pelos entrevistados, bem como o anonimato dos mesmos, os nomes apresentados aqui são fictícios.

Para análise das entrevistas, utilizamos a Análise de Discurso (AD), de vertente francesa. Optamos por ela e, não, pela Análise de Conteúdo porque a sua preocupação é com os sentidos do texto e não com o seu conteúdo. O material coletado é constituído por questões sensíveis e ideológicas relacionadas às vivências religiosas e ao fenómeno religioso neopentecostal, e a AD consegue fornecer instrumental mais adequado às análises, já que articula o linguístico ao social, ao cultural, à história e às ideologias (ORLANDI, 2003).

4. Territorialidade e representação política

O exercício do poder de evangelizar os outros não ocorre, somente, no espaço físico do templo da igreja. A disseminação da palavra ocorre no íntimo das relações sociais tecidas por fiéis e lideranças religiosas. A Igreja Católica, que colonizou religiosamente o nosso país, demarcava muito nitidamente os seus territórios, que não eram restritamente religiosos, mas geridos sob uma ética tradicional e conservadora. As cidades cresciam à frente do espaço do templo, expressando espacialmente as relações desiguais de poder existentes entre a igreja e o poder público. Já os evangélicos, possuem territorialidade mais fluida, mais pulverizada e menos centralizada. Plantando igrejas nos rincões, ocupando cômodos comerciais dos centros das cidades, reformando teatros e cinemas, espalham-se nas periferias e nas centralidades a fim de atenderem a demandas contemporâneas, conforme afirma Oliveira (2012).

Muitas são as maneiras de fiéis e lideranças religiosas exercerem a territorialidade: convidando pessoas conhecidas para o culto ou, ainda, estabelecendo relações com outras igrejas evangélicas. É corriqueiro, inclusive, que algumas instituições religiosas tradicionais cobrem do fiel uma “meta”, um número de pessoas a serem levadas a conhecerem a igreja em um determinado período de tempo, como evidencia Rezende (2010). Esta é uma das formas de se fazer crescer a comunidade religiosa e, conseqüentemente, a disseminação da palavra, do discurso teológico. Na instituição religiosa neopentecostal pesquisada, por exemplo, não é nítido o compromisso da comunidade religiosa em convidar possíveis novos membros. Como negam, a todo tempo, os costumes das igrejas (neo)pentecostais tradicionais, não se preocupam com crescimento quantitativo da comunidade religiosa. As lideranças religiosas afirmam que não insistem com as pessoas, tampouco apresentam a elas a igreja caso não percebam abertura para isso, como demonstram os trechos grifados dos excertos (001) e (002):

(001) (...) Eu não sou o cara que vai chegar e vai falar “ou, cara, vamos lá na igreja”, eu sou um cara que eu convido se a pessoa demonstra interesse, se ela me procura para conversar e abre algum espaço. Não sou aquele tipo de pessoa que se eu estiver num rolê na rua sentado para conversar com você a gente não vai entrar... Apesar de que sempre acaba entrando em algum tema do tipo principalmente para quem já conhece, às vezes eu até convido, mas não é muito frequente não (Davi, liderança religiosa).

Há ainda que se observar o espaço demarcado no discurso da liderança religiosa para divulgação da igreja, no excerto (001), que é o da rua (num rolê na rua sentado para conversar com você) e possui relação direta com o tipo de neopentecostalismo originário da instituição religiosa. Uma segunda liderança religiosa conta, no excerto (002) que dos convidados seus a irem aos cultos uma minoria (termo reforçado pela repetição) aparece. Torna-se identificável no excerto um personagem implícito, a saber, o indivíduo que recebe o convite para visitar a igreja, que seria interpelado a participar da Santa Ceia. As aspas denotam a intertextualidade do diálogo entre pastor e convidado (“Às vezes a gente chama pra vir na Santa Ceia... ‘Se quiser vir, essa semana vai ter Ceia’”), que se constitui a partir da oferta de um bem simbólico da instituição religiosa neopentecostal pesquisada (a Santa Ceia) objetivando a conquistar o novo indivíduo para a religião. Importante notar que a Santa Ceia¹ – em inúmeras igrejas evangélicas com perfil mais tradicional – é direcionada apenas aos membros estáveis e não a visitantes. Parece que na instituição religiosa neopentecostal pesquisada ocorre uma abertura total no que tange à participação neste momento íntimo, de comunhão e de sintonia de sentimentos entre os participantes da comunidade religiosa.

(002) Já chamei, mas nem todas vem e comparecem... Minoria, minoria. Não por não gostar, assim, qualquer coisa. Mas é que é um convite. Às vezes a gente chama pra vir na Santa Ceia... “Se quiser vir, essa semana vai ter Ceia”. Mas não é aquele convite de todo dia ficar “vamo, vamo, vamo” (Tiago, liderança religiosa).

Um dos fiéis conta que não convida as pessoas que o circundam, necessariamente, a participarem do culto (“Eu não chamo para a reunião

¹ Momento intimista de comunhão e reflexão entre a comunidade religiosa, que degusta o pão e o vinho, elementos que simbolizam, respectivamente, o corpo e o sangue de Jesus Cristo, o filho de Deus que teria nascido, morrido e ressuscitado em favor da humanidade.

[culto], eu chamo para o café, chamo para outra coisa”). O convite, como ele explica no excerto (003), é mais focado na participação do indivíduo externo, em momentos de congregação menos formais, como o café da manhã de domingo. Pode se inferir, a partir da análise lexical, que o termo “outra coisa”, significaria a participação em outros momentos/espços da igreja que não possuam a formalidade do culto, como os grupos de estudos, os shows, os acampamentos e as conferências, por exemplo. Vale dizer que, para o entrevistado, importa mais que um visitante conheça o momento inicial de um culto, em que é realizada uma oração e um período de conversas particulares sobre as questões cotidianas da comunidade religiosa:

(003) Eu não chamo para a reunião [culto], eu chamo para o café, chamo para outra coisa. E se você não quiser ficar lá você pode só tomar o café e pode ir embora (Paulo, fiel).

A reticência para os convites a pessoas externas para visitas à igreja não se restringe apenas às lideranças religiosas e acomete, também, os fiéis, algo que fica subentendido no excerto (003) e escancarado no (004). Influenciada pelo namorado, que é quem a levou para a instituição religiosa neopentecostal pesquisada, a fiel conta que, depois que o conheceu, percebeu que o mesmo não a convidava para ir à igreja, dando mais destaque ao cristianismo do que à instituição. Seguindo este mesmo caminho, conta que começou a pregar o cristianismo e que, quando a pessoa que lhe ouve se sente bem, aproveita para fazer o convite. É bom salientar que o convite parece ser feito apenas quando o outro com o qual ela se relaciona se sente bem. A disseminação da instituição religiosa neopentecostal pesquisada e de sua palavra, pode-se imaginar, não é feita de modo a constranger ou a afetar a área de influência da comunidade religiosa, mas de forma sutil, sem ir-se direto ao ponto – convidando para a Santa Ceia, para o café, ou quando a pessoa estiver se sentindo bem:

(004) Depois que eu conheci meu namorado, que eu te falei, que ele não falava “vamos pra igreja”, eu comecei a pregar mais o cristianismo e aí se a pessoa se sentir bem, aí eu falo “vamos lá na igreja pra você conhecer”. Foi e não gostou? Tudo bem também, tranquilo. Eu convidei para conhecer (Priscila, fiel).

Perguntados acerca da exigência que fazem muitas igrejas evangélicas, de que as relações afetivas (de namoro, casamento) estabeleçam-se apenas com

membros da igreja, fiéis e lideranças religiosas posicionaram-se taxativamente contra tal aspecto doutrinário. No excerto (005) o entrevistado introjeta em seu discurso, intentando justificar a sua opinião, a figura de Jesus, que não teria se restringido a se relacionar com os seus, mas tomando para o centro de sua evangelização os marginalizados daquela época. A opinião contrária às relações afetivas fechadas à comunidade da igreja é reforçada a partir da ideia de que “temos que nos relacionar com pessoas que pensam diferente da gente”:

(005) Eu acho que não tem, que se fosse assim Jesus teria se relacionado somente com os fariseus, só com os seus, os escribas e seu pessoal. Você vê que Jesus se relacionava, no que se refere a conversas, amizades e tal... Com prostitutas, cobrador de impostos... Com essa galera que era odiada. Com pescador, ignorante... Essas pessoas com que Jesus se relacionava. Então, assim, não vejo sentido nisso. Nós temos que nos relacionar com pessoas que pensam diferente da gente (Mateus, fiel).

A igreja, como afirma uma liderança religiosa no excerto (006) é instrumento revelador do mundo externo. Portanto, não faria sentido restringir as relações entre indivíduos que compartilham da mesma fé. Alguns usos lexicais enfatizam uma posição discursiva marginal em relação ao discurso hegemônico evangélico (“totalmente ao contrário disso”, “não há nenhum sentido”, “eu acho totalmente o contrário disso”). Pode-se inferir que, levando a palavra para os que estão fora da instituição religiosa neopentecostal pesquisa, os fiéis já frequentadores podem angariar novos, relações que não seriam possíveis caso a igreja partisse do histórico argumento teológico do jugo desigual – conforme Coríntios 6, versículos 14 a 18²:

(006) Eu sou totalmente ao contrário disso (...) Não há nenhum sentido em viver dentro de uma igreja se o nosso papel é levar a palavra pra quem está lá fora. Eu acho totalmente o contrário disso. Aqui dentro a gente se organiza, tem uma leitura, um estudo pra que revele pro mundo lá fora (Tiago, liderança religiosa).

² Não vos prendais a um jugo desigual com os infiéis; porque, que sociedade tem a justiça com a injustiça? / E que comunhão tem a luz com as trevas? / E que concórdia há entre Cristo e Belial? Ou que parte tem o fiel com o infiel? / E que consenso tem o templo de Deus com os ídolos? Porque vós sois o templo do Deus vivente, como Deus disse: Neles habitarei, e entre eles andarei; e eu serei o seu Deus e eles serão o meu povo / Por isso saí do meio deles, e apartai-vos, diz o Senhor / E não toqueis nada imundo, E eu vos receberei / E eu serei para vós Pai, E vós sereis para mim filhos e filhas, Diz o Senhor Todo-Poderoso.

Um dos discursos específicos aparentes sobre esta temática traz para a centralidade do debate a ideia de princípios. A entrevistada deixa claro no excerto (007) que não é por princípios teológicos que ela não se relaciona com pessoas de fora da igreja, mas porque interesses semelhantes são os sustentáculos da relação. Fica subtendido que se trata de princípios relacionados à religiosidade, uma vez que a enunciativa descreve como conflituosa a decisão de concordar com o seu companheiro, que está fora da igreja, ou seguir os seus princípios.

(007) Então, eu acho que isso é tipo você meio que limitar, mas para um relacionamento dar certo, você precisa que as pessoas estejam disponíveis e se queiram, só isso. Mas eu entro num conflito assim, tipo por que eu já tentei... Não em questão do meu ex namorado, mas eu já tentei com outra pessoa e não deu certo. Porque existem princípios e eu não posso quebrar alguns princípios. Não porque é imposto, mas sim porque eu realmente não quero quebrar algumas coisas que eu acho certas. Então fica um conflito, ou eu vou pro lado da pessoa ou a pessoa vem pro meu lado. Então, às vezes não dá porque os interesses são diferentes (Maria, fiel).

É preciso considerar, na análise da territorialidade neopentecostal, as relações estabelecidas entre a instituição religiosa pesquisada e outras instituições religiosas. As lideranças religiosas da igreja, sobretudo Pedro, são convidadas - com frequência - para pregarem em inúmeras cidades brasileiras. Protestantes históricas ou pentecostais, possuem a instituição religiosa neopentecostal pesquisada como referência no tratamento com o público jovem.

É comum encontrar nas redes sociais dos pastores, fotografias das viagens e participações que fizeram nessas outras igrejas. As lideranças religiosas, vale dizer, estabelecem relações com os fiéis por meio dessas redes. Tal interação enseja novas territorialidades da instituição religiosa, que não se concretizam apenas fisicamente, mas também virtualmente, meio pelo qual as influências e as relações de poder podem se reconfigurar e se redimensionar devido às suas particulares características: imediatismo, instantaneidade, tensionamentos entre o público e o privado, dentre outras.

Sobressai-se do excerto (008) da liderança religiosa o interdiscurso da referência, como se a instituição religiosa neopentecostal pesquisada fosse um modelo para outras igrejas evangélicas brasileiras, subdividindo-se em duas unidades discursivas: a do auxílio e a da influência provocada pela exclusividade:

(008) Sim, várias igrejas. A maioria, aliás, de fora. Tem a gente como referênciae a gente tenta de alguma forma ajudá-los, então muitas dessas viagens é pra auxiliar as igrejas, pra ajudar na questão de organização, de ensino, daquilo que a gente vive aqui que às vezes não tem a oportunidade de vim. Então, a gente serve de referência e apoio pra muitas outras igrejas fora de Uberlândia, porque a nossa referência quando começou foi o Ministério de São Paulo, Rio de Janeiro, desses grandes centros que já trabalhavam com grupo underground. Só que a maioria morreu, e só a gente que permaneceu. Então, acaba que esses outros ministérios das outras igrejas de fora, ou até pessoas que frequentaram esses lugares que hoje não tem mais, eles vêm a gente como referência, buscam ajuda bastante (Lucas, liderança religiosa).

O enunciador do excerto (009), fiel, avalia muito positivamente as relações de identificação construídas pela instituição religiosa neopentecostal pesquisada com as demais igrejas evangélicas, considerando que são motivadoras e oferecem a possibilidade de conhecer pessoas. Existe a percepção de que o projeto construído localmente não esteja isolado do que ocorre a nível nacional. Todavia, pontua que, devido ao caráter *underground* da instituição religiosa neopentecostal pesquisada³, ela é compreendida como sendo “muito mais bela” do que realmente é, uma vez que “ninguém fala dos defeitos mesmo”. Talvez seja esta uma estratégia para tornar-se, como afirmou a liderança religiosa no excerto (008), uma referência para as outras:

(009) Fui pro Paraná, pro Rio... Então, assim, voçê conhece as pessoas e é motivador, quando você vê. Você tá numa luta, num pensamento de que está sozinho no mundo e você conhece outras pessoas com esse mesmo pensamento. Vai dar certo? Ou não, mas pelo menos estamos juntos. Mas é ruim porque eu te falei, que a (IRNP) às vezes é pintado de uma forma muito mais bela, acho isso normal, porque ninguém fala dos defeitos mesmo. (Marcos, fiel).

Uma segunda fiel concorda com o enunciador do excerto (009) e acrescenta que, além do deslumbramento dos insatisfeitos com o tradicionalismo, existem os que rotulam a instituição religiosa neopentecostal

³ O termo *underground* diz respeito ao fato de que a igreja neopentecostal pesquisada se preocupa, especialmente, com os marginalizados da cidade: indivíduos em situação de rua, prostitutas, usuários de substâncias psicoativas, entre outros. Em outros termos, sujeitos históricos invisibilizados, à margem de uma sociedade movida a partir dos interesses do sistema econômico capitalista. Além disto, a igreja possui uma estética alternativa (tanto no que diz respeito ao espaço quanto aos indivíduos que a frequentam).

pesquisada como uma não-igreja, devido ao seu estilo alternativo. De qualquer maneira, os dois sentidos desta territorialidade são negativos: primeiro, porque a igreja estaria passando uma imagem descolada de sua prática; segundo, porque estaria sendo negada por evangélicos tradicionais. As condições sociais de produção do discurso explicitado no excerto (010) são muito específicas, vale dizer, já que o mesmo está atrelado a alguém que vivencia o cotidiano da igreja há nove anos e conhece, intimamente, os seus problemas e as relações que institui, apesar de não ser uma liderança:

(010) Acho que existe um certo deslumbramento com quem não tá muito satisfeito nessas igrejas tradicionais com o (IRNP). Às vezes eles tem a sensação de que o (IRNP) é o lugar perfeito, mas quem tá lá dentro sabe que não. Mas também tem por outro lado, aqueles que são muito conservadores, de condenar, e achar que o (IRNP) não é uma igreja. Se você fizer uma pesquisa no meio evangélico, muitas pessoas vão achar que o (IRNP) não é uma igreja (Ester, fiel).

Além de estreitar laços com igrejas evangélicas de diversas denominações Brasil afora, a instituição religiosa neopentecostal pesquisada possui sete igrejas filhas plantadas em: Assunção (Paraguai), Divinópolis (Minas Gerais), Fortaleza (Ceará), Ituiutaba (Minas Gerais), Porto Velho (Rondônia) e Uberaba (Minas Gerais). Em entrevista, uma liderança explica que em nenhuma dessas localizações a instituição religiosa neopentecostal pesquisada alcançou a estabilidade da igreja sede.

Certamente, a igreja exerce a sua influência, também, por meio dos pequenos grupos. Entretanto, vale ressaltar que todos eles ocorrem em bairros próximos das áreas centrais da cidade. Sendo assim, agregam indivíduos que moram próximo aos locais dos pequenos grupos e que, muitas vezes, já frequentam os cultos dominicais.

No que se refere à relação entre política e religião, o entendimento entre lideranças religiosas e fiéis é consensual: cada macaco no seu galho. A religião não poderia ser utilizada politicamente, como forma de exercer poder, conforme o fiel do excerto (011), porque configuraria imposição. A política é associada diretamente às questões representativas de hierarquia, estando descolada das questões coletivas, públicas, dos debates para o bem comum. Tanto que a associação feita pelo fiel é de que, na instituição religiosa neopentecostal pesquisada, a política não caminha junto com a religião porque tudo é decidido pela via do conselho, instância em que a comunidade

religiosa é, corriqueiramente, convidada a participar. Faz-se notar, ademais, o interdiscurso da diferença, como se nas outras igrejas pudesse existir a relação entre política e religião, mas na instituição religiosa neopentecostal pesquisada isso tivesse sido superado por meio da instância deliberativa conselho. É enfático ao dizer que política e religião não podem andar juntas porque não são semelhantes. Trabalhos como este, que analisam a dimensão política da religião, não teriam razão de existir caso se comprovasse tal afirmação, pois política e religião para o enunciador são esferas sociais paradoxais.

(011) Porque a gente não pode impor a nossa religião na vida de uma pessoa que não tem a mesma religião que a gente. E isso não fez muito sentido, porque as pessoas impõe ainda, né, impõe religião em cima de religião, mas não faz muito sentido a religião e a política andarem juntos, porque elas não tem semelhança nenhuma uma com a outra. Pelo menos no caso da (IRNP) não, porque lá não tem um presidente lá... Lá é só o conselho. Que, quando tem reunião do conselho a igreja toda participa, eles chamam a igreja toda para participar da reunião do conselho (Gabriel, fiel).

A liderança religiosa que enuncia no excerto (012) vê a relação entre política e religião motivada pela intromissão da igreja, que visa a interesses particulares. As instituições religiosas que estabelecem relações políticas seriam intrometidas, gerando inconveniências. O argumento baseia-se na origem do movimento evangélico, que emerge sugerindo a dissociação entre Estado e política, a partir de uma reforma, a Reforma Protestante. A possibilidade reservada às lideranças religiosas de serem candidatos a algum cargo representativo é de imediato descartada, pois o mesmo estaria abrindo mão de um chamado de maior importância para atender a um chamado de menor importância. Torna-se perceptível uma ideologia defendida e uma ideologia combatida: respectivamente, a ideia de que o chamado de um Deus, de uma transcendência, é superior às coisas comunicadas pelo mundo; a noção de que a mundanidade (relações políticas) é inferior às coisas transcendentais. Parece, também, que esta não é uma opinião pessoal da liderança, mas compartilhada por seus amigos pastores, os parafraseados:

(012) Voltando na questão da participação na política, a política é para todos, era para ser para todos, mas a igreja tem se metido nessa história com interesses muito particulares, que são muito absurdos, que vão até na contramão daquilo que são os valores da reforma protestante, então, por exemplo, um pastor ser político para mim, até parafraseando alguns pastores

que são amigos meus, um pastor abraçar a política é abrir mão de um chamado superior para atender um chamado inferior (Pedro, liderança religiosa).

No que tange às candidaturas de lideranças religiosas a cargos representativos, o corpo sacerdotal da igreja se fecha à possibilidade de apresentar candidatos à sua comunidade religiosa. Existiu única tentativa nesse sentido, mas sem sucesso já que abriram um espaço coletivo para todos os candidatos que procuraram a igreja, não dando preferência a nenhum em particular, apenas abrindo o recinto para o debate de ideias e propostas, uma atitude incomum, uma posição discursiva contra-hegemônica no meio religioso evangélico da cidade, conforme o excerto (013).

(013) A gente tentou trabalhar isso nos últimos anos de incentivar as pessoas à discussão, incentivar as pessoas a manifestarem as suas opiniões. Hoje está proibido levar candidatos de qualquer espécie na igreja. Nós tivemos uma experiência ano passado muito interessante, porque os candidatos os procuram, querem o culto para falar. Sabe o que a gente fazia? Nós marcávamos uma reunião em outro dia, em um meio de semana e convidávamos todos os candidatos que queriam vir e falávamos assim “você pode falar dez minutos e você vai ser sabatinado pelas pessoas”. Ninguém nunca foi (Pedro, liderança religiosa).

A decisão de uma liderança ou fiel influente de se candidatar é vista, de imediato, como errada pelos fiéis, que a veem, em sua maioria, como obrigação ou imposição, a partir de uma atuação simbólica e burocrática. O interdiscurso jurídico aparece encharcado de determinada importância, uma vez que inúmeros deputados pertencentes à Frente Parlamentar Evangélica encaminham para votação projetos de leis que impactam diretamente o cotidiano da população. Em outras palavras, utilizam-se de um instrumento legal para fazer lastrar os princípios cristãos e evangélicos. O ethos discursivo que emana do final do excerto é o de descrença com os políticos evangélicos:

(014) Não, eu acho completamente errado, porque todo mundo pensa diferente e você não pode obrigar a pessoa a querer a sua religião, e são votadas leis, né? Em que os vereadores colocam lá Escola sem Partido, que a gente não pode falar de religião ou partido político, então, tipo... Olha as coisas que eles falam... (Priscila, fiel).

O discurso enunciado no excerto (015) é específico: concorda com as candidaturas de fiéis ou pastores evangélicos influentes, desde que o

candidato seja “íntegro”, “honesto” e “revele as virtudes de Deus”. Os cargos representativos são vistos com maior pragmatismo e racionalidade, como uma profissão como qualquer outra, onde o cristão precisa empregar os seus valores, não fazendo concessões e compactuando com erros alheios.

(015) Olha, eu não acho nada, eu não tenho problema nenhum com isso. Eu só tenho problema, da mesma maneira como em qualquer outra coisa, a partir do momento que você se propõe a ser um político e a fazer a coisa, que você seja íntegro, que você seja honesto, que você revele as virtudes de Deuse não compactue com o que as pessoas estão fazendo que seja contrário aquilo que Ele diz (Paulo, fiel).

A opinião de todas as lideranças religiosas e fiéis da instituição religiosa neopentecostal pesquisada sobre a Frente Parlamentar Evangélica é negativa. As condições sociais de produção dos discursos não que ser consideradas, uma vez que a média de idade entre os pastores é 30,8 anos e, entre os fiéis, de 26,6 anos. Os atores sociais da pesquisa viveram a sua infância e juventude nas décadas de 1990 e 2000, período histórico contemporâneo, de negação dos ideais modernos e tradicionais que fizeram a cabeça das gerações anteriores. A partir de um interdiscurso de negação do conservadorismo, não se sentem representados pelo grupo de evangélicos que ocupam o Congresso Nacional do país. A liderança religiosa que enuncia o excerto (016) a classifica pejorativamente (“bosta”, “merda”) a partir de um interdiscurso republicano, que compreende a importância da laicidade do Estado. A Frente Parlamentar Evangélica iria contra a defesa do bem comum e dos interesses coletivos, já que daria privilégios a alguns em detrimento de outros: em outros termos, o foco das políticas seriam os evangélicos e, não, a sociedade como um todo.

(016) Uma bosta, né? (Risos). Uma merda, porque se a gente for ver é a visão do Brasil quanto a essa representatividade que eles tão tentando fazer lá é mais danoso, porque acaba ferindo outros direitos que não são só dos evangélicos, mas de outra classe, de outras classes que precisam também de ser representada. Então, acaba que quando eles focam só naquilo que são os interesses dos evangélicos, isso traz um prejuízo maior do que se eles estivessem mais preocupados com os interesses do povo, né? (Lucas, liderança religiosa).

O excerto (017) prova que a juventude e os adultos de hoje estão conectados aos temas contemporâneos de interesse público, como a lei do feminicídio e os debates sobre racismo e homofobia, temáticas que eram

silenciadas em tempos históricos anteriores, devido ao caráter patriarcalista e conservador de nossa colonização portuguesa e católica. Ademais, é certo que o advento da internet possibilitou o acesso a dados antes praticamente inacessíveis sobre questões na órbita das temáticas supracitadas. A ação da Frente Parlamentar Evangélica aponta na direção do tensionamento com as chamadas “minorias sociais” (mulheres, negros e gays), o que desagrade fiéis evangélicos *undergrounds*, com maior abertura para o debate de ideias e diálogos com os diferentes. A enunciadora inicia o seu discurso com o Princípio Constitucional da Igualdade, baseado em Aristóteles:

(017) Eu sou contra. Porque Aristóteles que fala que temos que tratar os outros de forma igual, os desiguais de forma desigual, na medida da sua desigualdade. Então, tipo assim, as mulheres que são muito oprimidas, por isso que existe a lei do feminicídio. A questão do racismo, a questão da homofobia, que apesar de ter um projeto de lei, eu fiz uma pesquisa, esse projeto está há oito anos parado por causa da Bancada Evangélica, que não vota pra não terminar em crime. Então, tipo, assim... São umas coisas que você fica... É claro que quem é minoria precisa ter direitos, mas a igreja não é minoria. O Brasil religioso não é minoria (Maria, fiel).

Por meio de convites parcos a conhecidos, pouca influência advinda das igrejas filhas e descrença com a velha cultura política que impera nas igrejas, a instituição religiosa neopentecostal pesquisada exerce a sua influência e o seu poder de modo pontual e fluidificado no espaço da cidade. Espalhados aqui e ali, *undergrounds* reafirmam o seu modo cristão de viver, desapegado dos processos ritualísticos, das mediações e do ascetismo. Territorialidade fluida como a contemporaneidade. Assim como os eleitores hodiernos, muitas vezes, não se sentem representados pelos eleitos. Política e religião: movimentos análogos de um mesmo processo, o cultural.

5. Considerações Finais

Este artigo teve, como objetivo principal a compreensão das relações existentes entre as temáticas da territorialidade e das representações de natureza política sob o olhar da geografia cultural na perspectiva de membros de uma igreja neopentecostal de uma cidade do interior de Minas Gerais.

Partindo de uma abordagem de natureza essencialmente qualitativa, pôde-se observar, através das entrevistas realizadas, que a igreja neopentecostal pesquisada apresenta uma territorialidade de natureza fluida, pulverizada, bem

como, menos centralizada. Tal perspectiva pode ser observada em diversas facetas, tais como: no convite para a participação de novos membros em ocasiões menos formais (café da manhã da igreja) e não para assistir ao culto em si, na participação dos líderes religiosos em outras instituições evangélicas, na abertura de “filiais” da igreja em outras cidades, na influência religiosa a partir da atuação de/em pequenos grupos, entre outros. Além disto, parece haver certo distanciamento da política tradicional e uma valorização dos valores cristãos no que diz respeito ao perfil dos candidatos evangélicos.

Como limitações deste trabalho, podemos apontar o fato de que o mesmo foi realizado em uma igreja de uma denominação religiosa neopentecostal de uma cidade do interior de Minas Gerais. Como forma de ampliar os resultados aqui encontrados, sugere-se que estudos semelhantes possam ser realizados tanto em outras localidades, quanto com outras denominações religiosas neopentecostais.

Por fim, reiteramos nosso agradecimento à Fundação de Amparo à Pesquisa do Estado de Minas Gerais (FAPEMIG) e ao Conselho Nacional de Desenvolvimento Científico e Tecnológico (CNPq) pelo apoio técnico e financeiro, bem como aos avaliadores e a editoria deste estimado periódico.

6. Referências

ANJOS, M. (Re)Conhecendo os Símbolos do Candomblé em Busca da (Re)Construção da África Perdida, **Revista África e Africanidades**, v. 6, 65-81, 2009.

BAPTISTA, S. **Pentecostais e neopentecostais na política brasileira**: um estudo sobre cultura política, Estado e atores coletivos religiosos no Brasil. 1a.ed. São Paulo/Belo Horizonte: Annablume, 2009.

BECKER, H. **Métodos de pesquisa em ciências sociais**. São Paulo: Hucitec, 1994.

CAMELO, I. L. **Territorialidade protestante na cidade de Gado Bravo-PB**: uma análise geográfica. UEPB: Campina Grande, 2013.

DAMACENO, A. **Disseminação das confissões religiosas no espaço geográfico-cultural de Maringá-PR**. UEM: Maringá, 2009.

FERREIRA, I. V. Pentecostalismo e secularização: Da rigidez doutrinária ao pluralismo religioso. **Horizonte**, v. 10, 1458-1472. 2012.

GOIS, A. J. O Espaço e Territórios Sagrados do Candomblé e da Umbanda em Contagem, Minas Gerais. **Ciências da Religião**, v. 1, 14-38, 2013.

HAESBAERT, R. **O mito da desterritorialização: do fim dos territórios à multiterritorialidade**. 3.ed. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 2008.

LÜDKE, M.; ANDRE, M. **Pesquisa em educação: abordagens qualitativas**. São Paulo: EPU, 1986.

MARIANO, R. **Neopentecostais, sociologia do novo pentecostalismo no Brasil**. São Paulo: Edições Loyola, 1999.

MORAES, G. L. Neopentecostalismo - um conceito-obstáculo na compreensão do subcampo religioso pentecostal brasileiro. **Rever (PUCSP)**, v. 2, 01-19, 2010.

OLIVEIRA, H. C. M. Espaço e religião, sagrado e profano: uma contribuição para a Geografia da Religião do movimento pentecostal. **Caderno Prudentino de Geografia**, v. 2, 45-72, 2012.

ORLANDI, E.P. A Análise de discurso em suas diferentes tradições intelectuais: o Brasil. **Anais do 10º Seminário de Estudos em Análise de Discurso**. Porto Alegre (RS): UFRGS, 2003.

PIERRE SANCHIS, J. F. Desencanto y formas contemporaneas de lo religioso. **Ciencias Sociales y Religion**, v. 3, 2001.

PIERUCCI, A. F. Religião como solvente: uma aula. *Novos estudos - CEBRAP*, n.75, 111-127, 2006.

_____. **As ciladas da diferença**. São Paulo: Ed.34, 2013.

PIERUCCI, A. F.; PRANDI, J. R. **A realidade social das religiões no Brasil: Religião, sociedade e política**. São Paulo: Hucitec, 1996.

PORTUGUEZ, A. P. **Espaço e cultura na religiosidade afro-brasileira**. Ituiutaba: Barlavento, 2015.

PRANDI, R. J. Converter indivíduos, mudar culturas. **Tempo Social: revista de Sociologia da USP**, v. 20, n. 2, 155-172, 2008.

REZENDE, E. Marketing Pentecostal: inovação e inspiração para conquistar o Brasil. **Rever (PUCSP)**, v. 1: 20-41, 2010.

ROSENDAHL, Z. **Espaço e Religião: uma abordagem geográfica**. Rio de Janeiro: EdUERJ, 1996.

_____. Espaço, cultura e religião: dimensões de análise. In: CORRÊA, R. L.; ROSENDAHL, Z. **Introdução à Geografia Cultural**. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 2003.

_____. **Geografia: temas sobre cultura e espaço**. Rio de Janeiro: Editora UERJ, 2005.

SACK, R. D. **Human Territoriality, its theory and history**. Cambridge: Cabridge University Press, 1986.

Submetido em: 7-10-2020

Aceito em: 14-4-2023